

Karl Rahner

Elementos biográficos de um grande teólogo do século XX

J. EDUARDO BORGES DE PINHO

Conheci Karl Rahner na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Münster no Semestre de Inverno de 1970/71. Por sugestão de D. António Ferreira Gomes, e alterando planos de estudos já formulados noutro sentido, segui para Münster nesse Verão, dando os primeiros passos em ordem ao doutoramento. Só aquando da minha entrada efectiva na Universidade de Münster, em Outubro de 1970, é que soube que Karl Rahner se encontrava já no último ano de leccionação, antes de se jubilar. Um problema de saúde fez com que esse semestre fosse mesmo o último da sua actividade lectiva naquela Faculdade de Teologia do norte da Alemanha, na altura, sem dúvida e em grande parte devido à sua presença, a mais frequentada escola teológica no espaço germânico.

De Karl Rahner recordo o Curso de Cristologia que leccionou nesse Semestre de Inverno em conjunto com o exegeta Wilhelm Thüsing¹, com a aula magna sempre praticamente cheia de estudantes. Lembro o seminário que orientou nesse mesmo período sobre tendências recentes em Cristologia, no qual participei e que me deixou impressões marcantes pela forma como decorreu, sobretudo pelas intervenções penetrantes, às vezes um pouco longas, de Karl Rahner. Recordo a simplicidade do professor, uma personalidade na qual não era difícil também reconhecer o cristão e o sacerdote piedoso (contava-se entre os estudantes que era frequente encontrá-lo a caminhar na conhecida *Promenade*

¹ K. RAHNER – W. THÜSING, *Christologie – systematisch und exegetisch. Arbeitsgrundlagen für eine interdisziplinäre Vorlesung*, Freiburg-Basel-Wien 1972.

da cidade de Münster, rezando o terço²). Finalmente, tenho ainda bem presente a multidão de estudantes que o acolheu e o enorme aplauso que lhe foi tributado quando, mais tarde, ultrapassada a crise de saúde que o não deixara completar o ano lectivo, Karl Rahner veio despedir-se de Münster e dos seus estudantes com uma conferência magistral sobre a fé.

1. Os caminhos da formação

Karl Rahner nasceu a 5 de Março de 1904, em Freiburg in Breisgau, como quarto membro de uma família de sete filhos. O pai (1868-1934) era professor de alemão, de história e de francês, e com ele os filhos terão aprendido o sentido e o valor da verdade histórica. A mãe, Luise Trescher, doméstica, morreu aos 101 anos (1875-1976).

Era uma família normal, da classe média, com algumas dificuldades naturalmente decorrentes do número de filhos. Dentro da família o irmão Hugo (1900-1968), quase três anos mais velho do que Karl Rahner, que entrou para a Companhia de Jesus em 1919, tornando-se um reconhecido patrólogo e especialista na investigação sobre Santo Inácio e a espiritualidade inaciana, ficar-lhe-á sempre muito próximo. Karl Rahner refere que a sua família era marcada «por um normal, não beato mas sério espírito religioso»³, havendo nela uma

² Já no ano de 1984, pouco antes de morrer, Rahner esteve em Londres, no Heythrop College, numa sessão em sua homenagem, na qual interveio o teólogo de Oxford John Macquarrie. A certa altura, Karl Rahner, que certamente tinha algumas dificuldades em compreender o inglês, puxou do seu terço e, sem qualquer tipo de inibição, começou a rezá-lo em silêncio, num gesto observado facilmente por toda a assembleia. Cf. PH. EANDEN, *A message yet to be heard*, in *The Tablet*, 6 March 2004, 15. Recorde-se, a propósito, uma afirmação feita por Rahner num diálogo com os participantes de um colóquio sobre a devoção a Nossa Senhora, diálogo esse que ele próprio concluiu assim: «Se cada um de nós rezar uma 'Avé Maria', e o faz verdadeiramente do mais fundo do coração, então isto é inquestionavelmente muito mais significativo do que todo o nosso discurso erudito acerca disso, e é mais do que todo o amontoado de palavras teológicas que juntámos nesta conversa»: *Marienverehrung heute. Karl Rahner im Gespräch mit den Teilnehmern eines Kolloquiums über Marienverehrung*, Innsbruck 1983, in P. IMHOF – H. BIALLOWONS (ed.), *Glaube in winterlicher Zeit. Gespräche mit Karl Rahner aus den letzten Lebensjahren*, Düsseldorf 1986, 113. Esta compilação de entrevistas é citada a seguir sob o termo *Glaube*.

³ Cf. *Die Antwort heisst Gott. Karl Rahner im Gespräch mit Walter Tscholl*, Innsbruck 1984, in *Glaube*, 11. Para além dos dados referidos pontualmente pelo próprio Rahner, neste esboço biográfico sigo de modo particular B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, Paris 2001, particularmente 11-59, e W. DYCH, *Karl Rahner*, London-New York 2/2000, especialmente 4-17. Cf. ainda o texto de J. R. GARCÍA-MURGA, *Karl Rahner. Teólogo de Dios y de lo humano en Dios*, in *Vida Nueva*, n.º 2.416 - 13 de Marzo de 2004, 23-30.

«atmosfera evidentemente católica», ainda que não clerical ⁴. Esse espírito religioso que bebeu nos primeiros anos de vida marcarão indelevelmente a sua existência, onde emerge claramente a maneira de ser e de viver de alguém que tinha um profundo enraizamento espiritual.

Há, de facto, razões para supor que Karl Rahner não só vivia existencialmente radicado numa experiência religiosa profunda, mas era mesmo uma personalidade «mística», no sentido de ser uma pessoa que tinha uma percepção viva do Mistério de Deus e do que tal significava para todas as dimensões da própria existência⁵. O sentido do Mistério de Deus ressalta de uma maneira singular nos seus escritos desde logo pelo uso constante, com uma insistência interpeladora, da expressão o «Mistério que nós chamamos Deus» (nestes termos ou de modo muito semelhante). Karl Rahner mostra, assim, ter a percepção muito nítida de que toda a teologia, por mais explícita e fundamentada que seja, é apenas um balbuciar perante o mistério insondável de Deus ⁶. Mais ainda, tem uma consciência aguda da importância fulcral de se reconhecer a prioridade absoluta da questão de Deus, a centralidade existencial e teológica que cabe à experiência de Deus. É nesta experiência concreta e pessoal de Deus no seu Mistério que está a raiz da teologia transcendental de Rahner, é aí que se encontra, no seu próprio dizer, o centro nevrálgico da existência cristã e da proposta que o Cristianismo tem a fazer: «O homem deveria notar que, no fundo, vive e nada neste mistério enorme da mais próxima proximidade e de incompreensível incompreensibilidade» ⁷.

Aliás, este sentido vivo e profundo do Mistério de Deus era um aspecto que transparecia nas suas conferências e nas suas aulas, não obstante o forte pendor especulativo que, em alguns momentos, emergiam nelas. J. B. Metz, um dos seus discípulos e, depois, colega, que reconheceu em Karl Rahner não apenas o «mestre» da sua teologia mas também o «pai» da sua fé, utiliza mesmo

⁴ *Ein Lehrer wird gefragt. Karl Rahner im Gespräch mit Karl Lehmann, Freiburg 1984, in Glaube, 27.*

⁵ «Para mim, na minha teologia, é duma importância fundamental que seja dada uma experiência autêntica, original de Deus e do seu Espírito. Ela precede logicamente (não necessariamente no tempo) a reflexão e a verbalização teológicas, e nunca é assumida adequadamente por esta reflexão»: P. IMHOF – H. BIALLOWONS (ed.), *Karl Rahner im Gespräch II*, München 1983, 257, citado por M. MAIER, *La théologie des Exercices de Karl Rahner*, in *Recherches de Science Religieuse* 79 (1991) 537.

⁶ Nesta ordem de ideias e em razão desse profundo sentido do Mistério de Deus, Rahner questionará frontalmente toda a pretensão de dominar Deus (seja a nível de ideias ou de atitudes práticas) e dirá mesmo que o Cristianismo é, propriamente falando, «o mais radical agnosticismo»: *Die 'winterliche' Kirche und die Chancen des Christentums. Karl Rahner im Gespräch mit David Seeber*, Freiburg 1984, in *Glaube*, 243.

⁷ *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 21. Cf. B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 42.

a expressão «teólogo místico» para o descrever: «Para mim e para muitos, ele era e é um teólogo que tem a experiência de Deus e que a procura. Outrora, falava-se nestas circunstâncias de um ‘teólogo místico’»⁸.

Da região onde nasceu, junto da Floresta Negra, Karl Rahner terá recebido, no seu próprio dizer, um temperamento marcado por uma certa melancolia céptica. Neste aspecto reconhecia que não era uma daquelas pessoas que faziam *a priori* da vida uma imagem simples e divertida⁹. Da frequência da escola não ressalta nada de particular, parecendo mesmo que não se destacou por um interesse ou empenho muito especiais.

Em 1922, três semanas após ter concluído os estudos a nível do ensino secundário, Karl Rahner entra também na Companhia de Jesus e inicia o noviciado numa das comunidades jesuítas na Áustria. Uma decisão que diz não ter sido influenciada pelo percurso do seu irmão Hugo, antes por algo mais profundo, que não sabe bem explicar: «Eu sempre quis ser padre, eu sempre quis ser religioso – porquê? Eu não saberia dizê-lo com precisão»¹⁰. Admite, no entanto, que tenha sido determinante para a opção pela Companhia de Jesus (em vez de outras alternativas possíveis) o facto de ter uma certa tendência intelectual e uma predilecção pelas questões relacionadas com a visão do mundo e, consequentemente, por uma vida em que a dimensão teológico-científica pudesse ter o seu espaço de desenvolvimento¹¹. É como noviço que escreve o seu primeiro artigo, publicado em 1924 no jornal *Leuchtturm*, abordando um assunto sobre o qual voltará repetidamente ao longo da sua vida: «Porquê temos necessidade de rezar?».

Karl Rahner faz o percurso clássico da formação jesuíta naquela época (3 anos – 1924-1927 – de filosofia em Feldkirh, na Áustria, e em Pullach, escola filosófica jesuíta perto de Munique), descobrindo nomeadamente o pensamento do jesuíta belga Joseph Maréchal (1878-1944) bem como o de Pierre Rousselot (1878-1915), jesuíta francês. O período de trabalho prático, previsto no plano

⁸ J. B. METZ, *Apprendre à croire. Merci à Karl Rahner*, in K. RAHNER, *Le courage du théologien*, Paris 1985, 13 s.; citado em B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 7 s. Cf. *Wissenschaftlichkeit der Theologie und Begegnung mit Gott. Karl Rahner im Gespräch mit Alfred Benzer*, in *Glaube*, 77.

⁹ Cf. K. RAHNER, *Le courage du théologien*, Paris 1985, 170; citado em B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 32.

¹⁰ K. RAHNER, *Le courage du théologien*, 170; citado em B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 15.

¹¹ Cf. *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 12; *Ermutigung zum Christsein. Karl Rahner im Gespräch mit Schülerinnen des Gymnasiums Am Ange in München*, 1983, in *Glaube*, 117 s.; *Der Glaube der Kirche und die Jugend. Karl Rahner im Gespräch mit Hubert Biallowons und Ferdinand Herget*, Augsburg 1984, in *Glaube*, 130.

de formação da Companhia de Jesus, é preenchido com o ensino do latim em Feldkirch (1927-1929), língua que, segundo diversos testemunhos, dominará com perfeição. Os quatro anos seguintes (1929-1933) são dedicados ao estudo da teologia em Valkenburg, na Holanda, onde encontra como professor o futuro Cardeal Bea. Ainda antes de finalizar a teologia, é ordenado padre na Igreja de S. Miguel, em Munique, a 26 de Julho de 1932. Concluído no ano seguinte o estudo da teologia, completa em 1933/34 completa o seu percurso de formação jesuíta, fazendo o terceiro ano de noviciado, dedicado à oração e à experiência pastoral, em Kärnten, na Áustria.

2. Da Filosofia para a Teologia

Destinado pelos seus superiores ao ensino da história da filosofia, em Pullach, Karl Rahner começa em 1934 um doutoramento em Filosofia na Universidade da sua terra natal, Freiburg, onde frequenta as aulas e os seminários de Martin Heidegger. Sobre o grau de influência que o filósofo terá tido no evoluir do seu pensamento – um conhecido tema de discussão – Rahner dirá que ela não se materializou em aspectos de conteúdo ou em qualquer doutrina em particular, antes num certo estilo de pensamento, num determinado modo de questionar determinadas posições e de as investigar que dele pôde colher e que se revelou extremamente precioso: «Eu devo dizer que Martin Heidegger foi o único professor pelo qual experimentei o respeito dum aluno perante o grande mestre»¹².

Em razão do apoio que Heidegger tinha dado ao nazismo, estava fora de questão que um sacerdote católico fizesse com ele o doutoramento. Diante desta situação, Rahner prepara uma tese de doutoramento sobre a metafísica do conhecimento em S. Tomás de Aquino sob a orientação de outro professor de filosofia em Freiburg, o católico Martin Honecker. A tese, concluída e apresentada na parte final do semestre de Verão de 1936, acaba por não ser aceite pelo seu patrono, por este considerar que dava um lugar demasiado amplo à filosofia moderna (leia-se: heidegerianna) na interpretação de S. Tomás (a obra será publicada em 1939 com o título *Geist in Welt* - «Espírito no mundo»)¹³. Uma circunstância que, associada ao facto de haver urgência em substituir um professor de Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia de Innsbruck (este último facto terá sido mesmo o mais determinante¹⁴), faz com

¹² K. RAHNER, *Le courage du théologien*, 173 ; citado em B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 18 s. Cf. *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 13; *Ein Lehrer wird gefragt*, in *Glaube*, 28.

¹³ Cf. a este propósito W. DYCH, *Karl Rahner*, 7.

¹⁴ *Zur Rezeption des Thomas von Aquin. Karl Rahner im Gespräch mit Jan van den Eijnden*, Innsbruck 1982, in *Glaube*, 53. Cf. *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 14.

que Karl Rahner, de novo por indicação dos seus superiores, se oriente definitivamente para a teologia.

Nessa segunda metade do ano de 1936 Karl Rahner vai para Innsbruck e prepara, aprofundando o seu conhecimento das fontes patrísticas da fé, a sua tese de doutoramento em teologia. Conclui rapidamente esta investigação em Dezembro de 1936. Apresenta um trabalho intitulado: «*E latere Christi. A origem da Igreja como segunda Eva do lado de Cristo, o segundo Adão. Uma investigação sobre o significado tipológico de Jo 19, 34*».

É em 1937 que Rahner começa, em Innsbruck, um percurso de professor que, embora com interrupções, se prolongará por 34 anos (na cidade austríaca entre 1937 e 1964). Nestes primeiros anos de actividade docente ressaltam alguns dados significativos. Desde logo, no Verão de 1937, mesmo ainda antes de iniciar propriamente a actividade lectiva em Innsbruck, pronuncia uma ampla série de conferências nas «Semanas Universitárias de Salzburg», um conjunto de reflexões que dará origem à obra *Hörer des Wortes* («Ouvinte da Palavra»), publicada só em 1941 e que constitui, juntamente com o escrito já referido *Geist in Welt*, uma das obras fundantes da sua teologia filosófica. Em 1939 elabora, juntamente com Hans Urs von Balthasar, o projecto duma Teologia Dogmática, trabalho que aparecerá na abertura dos seus «Escritos de Teologia», em 1954¹⁵. É igualmente por esta altura que, na linha da sua tese de doutoramento, se dedica a estudos patrísticos e aprofunda as fontes inacianas. Em colaboração com o seu irmão Hugo e num espírito de mútuo estímulo desenvolve um trabalho importante de estudo sobre os «Exercícios Espirituais» de Santo Inácio e sobre a própria figura de Santo Inácio. Escreve nesta ocasião «A lógica inaciana do conhecimento existencial» (contributo publicado inicialmente em 1956 na obra *Ignatius von Loyola*, no 400.º aniversário da morte de Santo Inácio). Dirá mais tarde: «Mas eu penso que a espiritualidade do próprio Inácio, que aprendi pela prática da oração e pela formação religiosa, foi mais importante para mim do que toda a filosofia e a teologia aprendidas dentro e fora da Ordem»¹⁶. No fim da sua vida considerará mesmo que no texto «A lógica inaciana do conhecimento existencial» se exprime a matriz do seu pensamento teológico¹⁷. Interpelado uma vez sobre o testamento espiritual que gostaria de deixar aos jovens de hoje,

¹⁵ Indico aqui este texto de acordo com a 7ª edição dos «Escritos»: *Über den Versuch eines Aufzissens einer Dogmatik*, in *Schriften zur Theologie I*, Einsiedeln-Zürich-Köln 7/1964, 9-47.

¹⁶ W. DYCH, *Karl Rahner*, 6. Sobre a influência da formação recebida na Companhia de Jesus e da espiritualidade inaciana na sua teologia cf. B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 35-59, especialmente 35 s.; *Ein Lehrer wird gefragt*, in *Glaube*, 28 s; *Persönliches. Karl Rahner im Gespräch mit Paul Muigg und Johann A. Mair*, Innsbruck 1984, in *Glaube*, 40.

¹⁷ Cf. B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 22.

Karl Rahner refere um outro texto relacionado também com Inácio de Loyola e a espiritualidade inaciana: «É difícil responder em poucas palavras. O meu texto 'Palavras de Santo Inácio a um jesuíta de hoje' (in: *Ignatius von Loyola*, Freiburg 1978) pode ser visto como uma espécie de testamento. Tomei consciência disso numa leitura posterior. Mas não é um legado para jovens. Trata-se antes de um resumo da minha teologia e do que eu procurei viver»¹⁸.

3. Preocupações de ordem pastoral

Em Março de 1938 dá-se a anexação da Áustria pelas forças de Hitler e em Julho do mesmo ano é fechada a Faculdade de Teologia em Innsbruck. Durante cinco anos Rahner trabalha no âmbito do Instituto Diocesano de Pastoral de Viena. Em 1944 é obrigado a deixar Viena e trabalha durante um ano como pároco em Mariakirchen, uma pequena aldeia da Baviera. Depois da capitulação alemã, de 1945 a 1948, lecciona em Pullach e desenvolve uma intensa actividade pastoral. Duma dessas actividades – a pregação dos sermões da Quaresma (1946) – surge o conjunto de textos *Von der Not und dem Segen des Gebetes* («Da necessidade e bênção da oração»).

Este interesse pela concreta acção pastoral não é meramente fruto das circunstâncias, ainda que a experiência destes anos tenha tido certamente enorme importância no desenvolvimento da sensibilidade pastoral que Rahner manifesta. De facto, não obstante a sua enorme capacidade especulativa, Karl Rahner é uma personalidade teológica estruturalmente marcada pela atenção às questões existenciais humanas e pela preocupação pela transmissão da fé aos homens e mulheres do nosso tempo. Embora a maior parte da sua vida tenha sido concentrada na actividade docente, em múltiplas circunstâncias foi convidado para retiros, conferências, iniciativas e acontecimentos mais de ordem prático-pastoral.

Se o centro de toda a sua reflexão teológica é a cristologia, este traço antropológico-existencial, esta preocupação pelas condições que permitem ao homem moderno ouvir a mensagem cristã determinam o ângulo de visão e algumas opções teológicas fundamentais. Assim, a sua reflexão dogmática é estruturalmente marcada por perspectivas de uma teologia fundamental, procurando repensar sempre de novo o ponto de partida humano. No seu próprio dizer, as suas preocupações teológicas situaram-se sempre longe duma qualquer concepção estreita da teologia como ciência enclausurada em si mesma: «Eu nunca

¹⁸ *Ermütigung zum Christsein*, in *Glaube*, 128.

fiz teologia como l'art pour l'art. Eu creio poder dizer: as minhas publicações emergiram no seu conjunto a partir de uma necessidade pastoral»¹⁹. Repetirá a mesma ideia noutra circunstância: «Eu fiz sempre teologia em vista da pregação, em vista da pastoral»²⁰.

Em última análise manifesta-se aqui um dado nuclear da sua existência teológica. De facto, no centro da teologia rahneriana está a percepção da experiência da graça no mundo e a pergunta concomitante como é que o Evangelho da graça pode ser acolhido e percebido pelos nossos contemporâneos. Pode mesmo dizer-se, como o faz Karl Lehmann, outro dos seus discípulos e amigo, que, em termos de conteúdo, o centro propriamente dito da teologia de Rahner tem a ver com o conjunto de questões relacionadas com a experiência da graça como a realidade propriamente fundamental do Cristianismo²¹. Nas palavras do próprio Rahner: «Que eu através de Jesus Cristo sou chamado a acolher a absoluta autocomunicação do Deus absoluto, isto é a verdadeira realidade do Cristianismo»²².

4. Os escritos

Após a convulsão da guerra, passados também três anos de trabalho como docente em Pullach, Karl Rahner regressa a Innsbruck em 1948, começando então a desenvolver uma intensa actividade de conferencista e publicista, tanto a nível de escritos próprios como no aspecto de responsável editorial, embora os seus «Escritos de Teologia» só apareçam, como já se referiu, em 1954. Interpelado no fim da sua vida sobre o aparecimento tardio de publicações suas, recorda que entre 1938 e 1946 praticamente não se podia publicar quase nada²³. Mas é

¹⁹ *Zur Einheit der Kirche der Zukunft. Karl Rahner im Gespräch mit Eduard Kopp, Hamburg 1984, in Glaube, 212.*

²⁰ K. RAHNER, *Le courage du théologien*, 172 ; cit. em B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 23. Se esta perspectiva está presente na maior parte dos seus escritos, alguns têm mesmo explicitamente esta vertente eminentemente pastoral. Os seus textos mais de ordem pastoral, concretamente conferências e artigos diversos, aparecerão reunidos em 1959 na obra *Sendung und Gnade. Pastoraltheologische Beiträge*, que o tornará conhecido de um público bastante mais vasto. Uns anos mais tarde, Rahner será mesmo um dos editores do *Handbuch der Pastoraltheologie* («Manual de Teologia Pastoral»), publicado em 5 volumes entre 1964 e 1969.

²¹ K. LEHMANN, *Rahner, Karl*, in W. KASPER (ed.), *Lexikon für Theologie und Kirche*, VIII, Freiburg-Basel-Wien 1999, 808. Cf. também J. R. GARCÍA-MURGA, *Karl Rahner*, 26 ss.

²² *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 22. «Em toda a minha teologia chamei sempre de novo a atenção, contra uma certa tradição escolástica-barroca da minha própria Ordem, bem como também dos meus próprios professores, para o facto que há uma experiência da graça»: *Ein Lehrer wird gefragt*, in *Glaube*, 29.

²³ *Ein Lehrer wird gefragt*, in *Glaube*, 30.

preciso não ignorar também que há na maneira de ser de Rahner, como anotou H. Vorgrimmler, uma tendência mais para a palavra falada do que para a palavra escrita²⁴. Aliás, muitos dos seus escritos têm claramente a marca do texto ditado (sabe-se que gostava de reservar as manhãs para ditar à sua secretária). Este facto, para além do seu próprio estilo de explicitação e argumentação, juntamente com o esforço que faz no sentido de repensar as questões tradicionais de forma nova, ajudarão a explicar uma escrita que, sobretudo em razão da estruturação e do comprimento da frase, se apresenta como algo difícil para o leitor que se encontra pela primeira vez com os textos de Rahner²⁵.

No conjunto duma produção teológica abundantíssima ressalta, à partida, o facto de que a maior parte dos seus textos publicados não consta propriamente de obras sistemáticas²⁶, mas sim de trabalhos monográficos, contextualizados por determinadas circunstâncias de actualidade teológica, de ordem pastoral ou mesmo de motivação espiritual. Nessa base surgem os «Escritos de Teologia», a sua publicação mais conhecida, de que são editados 16 volumes até à altura da sua morte. Curiosamente, aquando da publicação do primeiro volume, não terá sido fácil encontrar um editor, e, não havendo interessados na Alemanha, a opção recaiu na Editora Benzinger, da Suíça.

Um dos aspectos particularmente significativos nos escritos de Rahner consiste no facto de que, enraizado como estava na tradição escolástica clássica, mas simultaneamente preocupado com a transmissão da fé no horizonte do presente, os seus textos de um modo geral ajudam bastante a fazer a transição da teologia tradicional para perspectivas mais actuais de reflexão teológica. Sobre quase todas as questões prementes das últimas décadas da teologia encontramos em Karl Rahner a apresentação da posição clássica com os seus méritos e os seus impasses, a chamada de atenção para as questões novas que se colocam, o delinear das perspectivas que lhe

²⁴ H. VORGRIMMLER, *Karl Rahner. Gotteserfahrung in Leben und Denken*, Darsmtadt 2004, 8; cit. em S. MADRIGAL, *En conversación con Karl Rahner: El coraje de un cristiano decididamente eclesial*, in *Razón y fe* 249 (2004) 316.

²⁵ Sobre a dificuldade dos escritos de Rahner é conhecido o dito do seu irmão Hugo, segundo o qual, quando se reformasse, haveria de traduzir para alemão os textos de Karl Rahner! O próprio Karl Rahner aludirá a este dito com a seguinte observação: «Querido Hugo, tu não terias conseguido isso de maneira nenhuma, pois tu eras, na verdade, um bom e muito interessante historiador da Igreja, mas presumivelmente percebias menos de teologia moderna e sublime»: *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 13.

²⁶ Neste aspecto constituem excepção o *Grundkursus des Glaubens. Einführung in den Begriff des Christentums* («Curso fundamental da fé. Introdução ao conceito de Cristianismo»), publicado em 1976 já como professor emérito e, nos anos iniciais da sua vida universitária, as já referidas obras *Geist in der Welt* («Espírito no mundo») e *Hörer des Wortes* («Ouvinte da Palavra»).

parecem ser de acentuar para que a reflexão teológica possa expressar mais adequadamente a verdade que está em causa e torná-la mais significativa para os homens e as mulheres de hoje. Nesse sentido pode dizer-se que a teologia rahneriana exerce um papel de «mediação» que ainda hoje merece ser apreciado.

Entre as suas actividades editoriais destacam-se a gestão das reedições do *Enchiridion Symbolorum*, que Rahner assume durante algum tempo (da 28^a à 31^a edição), e, juntamente com J. Höfer, a edição actualizada do *Lexikon für Theologie und Kirche* (1957-1965). Em 1958, e dando expressão à sua profunda convicção de que a teologia católica não deve ser monolítica, lança, juntamente com Heinrich Schlier, a colecção *Quaestiones Disputatae*, na Editora Herder. Em 1961, juntamente com o seu discípulo e sucessor em Münster, Herbert Vorgrimmler, elabora o *Kleines Theologisches Wörterbuch* («Pequeno Dicionário de Teologia Católica»).

Já no pós-Concílio, é um dos teólogos que lança a Revista *Concilium*. O primeiro número, saído justamente em 1965, é editado conjuntamente com Edward Schillebeeckx. Entre 1967 e 1969 edita com Adolf Darlap o *Sacramentum Mundi*, em 6 volumes. Está também entre os que planeiam e ajudam a realizar o *Mysterium Salutis. Grundriss heilsgeschichtlicher Dogmatik*, obra colectiva de revisão da dogmática católica no pós-Concílio, editada por J. Feiner e M. Löhrer entre 1965 e 1976. É ainda o editor do *Herders Theologisches Taschenbuch*, publicado em 8 volumes nos anos de 1972 e 1973. Mais tarde ficará ligado também à edição da obra *Christlicher Glaube in Kirche und Gesellschaft* (1980-1983).

5. Dificuldades com as autoridades eclesiais

A necessidade de uma profunda renovação da teologia marca desde o início o trabalho de Karl Rahner, posição que, evidentemente, não era partilhada por muitos antes do Concílio Vaticano II. Não admira, por isso, que a produção teológica de Karl Rahner não tenha escapado também, como aconteceu a outros teólogos do século XX, a problemas e dificuldades junto de pessoas e instâncias preocupadas, à sua maneira, com a ortodoxia.

Em 1950 um amplo manuscrito (mais de 400 páginas) sobre questões de mariologia contemporânea e, em particular, sobre o dogma da Assunção de Nossa Senhora acaba por não poder ver a luz do dia. Neste caso, censuras internas à Companhia de Jesus, levadas até Roma (o parecer foi elaborado por um jesuíta da Gregoriana), fizeram com que a obra não fosse publicada. Mais tarde Rahner considerará positivo que esse texto não tenha vindo a público, pois teria alguma vergonha no que respeita à teologia bíblica praticada nesse texto,

um texto que precisaria ainda de uma muito maior investigação em termos de história dos dogmas e da teologia ²⁷.

Em 1951, num escrito intitulado *Die vielen Messen und das eine Opfer. Eine Untersuchung über die rechte Norm der Messhäufigkeit* («As muitas missas e o único sacrifício. Uma investigação sobre a norma correcta quanto à frequência da celebração da missa»), Karl Rahner pronuncia-se, entre outros aspectos, a favor da possibilidade de os sacerdotes concelebrarem a eucaristia. Uns anos depois (1954) o Santo Ofício faz saber que Rahner não deve, de futuro, discutir esta questão ²⁸.

Em 1960, um artigo de Rahner sobre a virgindade perpétua de Nossa Senhora motivou rumores de que Roma poderia intervir de novo, o que nessa altura não veio a acontecer. Porém, dois anos mais tarde (23 de Junho de 1962), sem qualquer advertência prévia e sem ter sido apontada a Rahner uma razão específica para essa decisão, os Superiores da Companhia de Jesus, que agiram por ordens do Santo Ofício, dão-lhe a indicação de que, doravante, qualquer escrito seu teria de ser submetido a Roma para censura prévia. Uma sua intervenção no *Katholikentag* de Hannover, nesse ano de 1962, sobre «A fé do sacerdote hoje» poderá ter sido o motivo mais próximo para esta medida.

Karl Rahner, que considerou injusta a decisão, ameaçou mesmo deixar de escrever. Mas, com a convocação do Concílio em 1959, estavam já em marcha outras perspectivas e tendências diferentes das que dominavam em Roma até então, e o próprio Rahner já estava envolvido, pela mão do Cardeal König, na preparação do Concílio. Dito de outro modo, Rahner era já demasiado conhecido e tinha um trabalho teológico demasiado importante para que a decisão não provocasse reacções. Para além duma carta conjunta dirigida ao Papa João XXIII pelos Cardeais König (Viena), Döpfner (Munique) e Frings (Colónia) e duma intervenção pessoal do Cardeal König junto do Papa, houve muitas outras reacções, mesmo a nível da sociedade civil. Na sequência de todas essas movimentações Rahner é informado, um ano depois (28 de Maio de 1963), de que a exigência de censura prévia tinha sido levantada, ficando apenas sujeito aos procedimentos normais para a publicação de obras de teologia.

Mas o relacionamento difícil com as instâncias romanas, ainda que sem proibições, permanece após o Concílio Vaticano II. Em 1969 é nomeado pelo Papa Paulo VI membro da Comissão Teológica Internacional, mas em 1973 apresenta

²⁷ Cf. *Ein Lehrer wird gefragt*, in *Glaube*, 30 s.

²⁸ W. DYCH anota, baseando-se em confidências do próprio Rahner, que, numa audiência privada com o Papa Paulo VI, Karl Rahner terá lembrado ao Santo Padre esta proibição, dizendo que hoje em dia o Papa concelebrava muito mais vezes do que ele próprio o fazia, ao que Paulo VI, sorrindo, terá dito: «Est tempus flendi, est tempus ridendi»: *Karl Rahner*, 11.

a sua demissão por considerar que o papel desempenhado por esta Comissão era relativamente inútil. As suas intervenções na sequência da publicação da Encíclica *Humanae Vitae* (25.7.1968) também já não tinham sido muito do agrado de Roma e do próprio episcopado alemão. Mas é preciso dizer também claramente que as suas posições críticas não resultavam de um qualquer preconceito anti-romano: no início dos anos 70 combateu inequivocamente as teses de Hans Küng sobre a questão da infalibilidade, merecendo por isso mesmo a acusação de «conservador» por parte de alguns sectores.

Em tudo isto é claro que Karl Rahner viveu a sua existência teológica simultaneamente com a combatividade de um temperamento próprio, que não fugia ao debate e à tomada de posição clara sobre as questões ²⁹, e a consciência inequívoca de que a sua missão de teólogo envolvia uma componente necessariamente crítica. No fim da sua vida explica como essa busca de fidelidade à Igreja vivida com capacidade crítica tem de ser acompanhada também por uma indispensável autocrítica: «Deve-se ter a coragem de criticar, mesmo quando ‘a nível mais alto’ isso não é ouvido com gosto. Mas ao mesmo tempo devia-se ser crítico relativamente a si próprio e, por isso mesmo também, em determinadas circunstâncias fechar a boca. Se, aliás, ao longo da sua vida uma pessoa conseguiu ter uma atitude verdadeiramente autocrítica, isso só o bom Deus é que o sabe»³⁰.

De qualquer modo, a sua identificação com a Igreja nunca esteve minimamente em causa. A este propósito exprime o seu sentir e o seu posicionamento nas seguintes palavras: «Como ser humano e como cristão, resulta-me evidente que sou um cristão na Igreja, um cristão eclesial. Uma identificação última com a substância fundamental da Igreja, que ela nunca perdeu nem perde, não significa de modo algum um consentimento com tudo aquilo que se faz na Igreja. Tão pouco com aquilo que a hierarquia ou o papa fazem, e tão pouco com tudo aquilo que se apresenta na Igreja como doutrina oficial. Para mim, não obstante, o autêntico dogma da Igreja constitui uma realidade obrigatória; e como cristão e como teólogo tive por mais que uma vez de me perguntar, com o coração e o espírito envolvidos numa certa angústia, que se quer realmente dizer com uma determinada afirmação que o magistério eclesial apresenta como dogma, para deste modo dar-lhe honradamente a minha sincera aprovação. Ao longo da história da minha vida nunca vivi um caso no qual isto não me haja sido possível»³¹.

²⁹ Por exemplo, em meados dos anos 70, um incidente opõe-no ao Cardeal Ratzinger, então Arcebispo de Munique, quando este recusou aceitar a nomeação de Johannes Baptist Metz para a cátedra de Teologia Fundamental na Faculdade de Teologia da Universidade de Munique.

³⁰ *Ein Lehrer wird gefragt, in Glaube*, 33.

³¹ H. VORGRIMMLER, *Karl Rahner*, 8; cit. em S. MADRIGAL, *Conversación con Karl Rahner*, 336.

No seu próprio dizer, as experiências negativas com a Igreja acabam por ter um significado relativo e secundário face ao facto fundamental e verdadeiramente importante de que é nela, e só nela, que se encontra a doação absoluta, definitiva, do amor de Deus em Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado³². Numa entrevista dada quase no fim da vida, interpelado sobre se as dificuldades com Roma tinham tido influência na sua vida como padre, responde: «Não, eu sou um católico absolutamente normal, que às vezes talvez se pode aborrecer com esta ou aquela decisão romana e a considera errada, mas essas coisas aconteceram não só em tempos passados, acontecem também uma e outra vez no século XX. Talvez seja mesmo algo de inevitável. As autoridades romanas são constituídas por seres humanos; estas pessoas têm determinadas posições, talvez às vezes também horizontes demasiado estreitos, têm boa intenção, determinam alguma coisa, e finalmente talvez resulte daí possivelmente também um disparate teológico. Mas tudo isso não modificou em nada a minha atitude para com a Igreja. Em última análise, também um austríaco que considera errada, estúpida ou pouco inteligente uma ou outra decisão de um ministro em Viena permanecerá, apesar de tudo, um funcionário fiel e um bom austríaco»³³.

6. Rahner e o Concílio Vaticano II

O papel de Rahner na preparação oficial do Concílio é discreto, longe dos lugares oficiais importantes nesse trabalho preparatório. João XXIII nomeia-o Consultor da Comissão dos Sacramentos, no que terá pesado o facto de, num dos seus escritos, ter defendido a restauração do diaconado permanente casado. A sua intervenção nessa fase prévia passa sobretudo por um parecer sobre os esquemas preparatórios que lhe foi pedido pelo Cardeal König, Arcebispo de Viena, a figura que se revelou determinante para o seu efectivo contributo para o desenrolar do acontecimento conciliar. Pouco antes de se iniciar a Primeira Sessão, Karl Rahner é nomeado perito da Comissão Teológica do Concílio, onde tem a companhia de Henri de Lubac, Yves Congar, Joseph Ratzinger, Hans Küng, entre outros.

É nessa função que acompanha os trabalhos conciliares, embora tenha estado relativamente ausente da Segunda e da Terceira Sessões. De qualquer forma, sabe-se que colaborou em diversas Comissões, assessorou os bispos alemães e prelados de outros países, ao mesmo tempo que participou em discussões com

³² *Unser Verhältnis zur Kirche. Karl Rahner im Gespräch mit Studenten der Katholischen Hochschulgemeinde München, München 1983, in Glaube, 175*

³³ *Die Antwort heisst Gott, in Glaube, 16.*

téólogos alemães e franceses. Y. Congar anota que, nas reuniões da Comissão Teológica, Rahner monopolizava um dos dois microfones colocados à disposição dos membros da Comissão e intervinha não só mais frequentemente que todos os outros mas também com grande vigor. A sua influência é reconhecida e notória nalgumas perspectivas e passagens da *Lumen Gentium*, da *Dei Verbum* e da *Gaudium et Spes*. Mas o próprio Rahner, em várias tomadas de posição sobre o assunto, desvalorizou sempre a sua influência no desenrolar do Vaticano II e nos documentos conciliares, insistindo no contributo dado por outras figuras, tais como Otto Semmelroth ou Alois Grillmeier, e destacando de modo particular o teólogo belga Gérard Philips ³⁴.

Karl Rahner viu no Concílio Vaticano II de tal maneira o grande, o maior acontecimento da Igreja no seu tempo de vida (e no século XX) que, repetida e insistentemente, chamou a atenção para a tarefa pendente da sua recepção tanto na letra como no espírito. Claramente, para Rahner a verdadeira questão era o que o Concílio significou como cesura na vida da Igreja e a recepção prática que era exigida em todos os aspectos da realidade eclesial. Rahner tinha a consciência aguda de que a grande batalha que importava vencer e em vários registos – desde a consciência elementar dos fiéis católicos aos mais altos níveis da Cúria Roma – tinha decisivamente a ver com a recepção plena do Concílio e o sentido dessa recepção. Aliás, os novos projectos editoriais a que se dedica, atrás referidos, têm de ser vistos dentro desta sua grande preocupação.

Entre os pontos de cesura fundamentais que o Vaticano II trouxe conta-se a autocompreensão da Igreja como sacramento universal de salvação, superando as perspectivas do axioma tradicional «fora da Igreja não há salvação». Esta visão, concretizada na preocupação explícita pela salvação de todos os homens por quem Jesus Cristo viveu e morreu, explica, na busca da recepção do Concílio, a conhecida questão dos «cristãos anónimos», que esteve no centro de algumas rejeições polémicas da teologia rahneriana (assinale-se, nomeadamente, a crítica violenta de Hans Urs von Balthasar³⁵). Mas de facto, se certamente se pode discutir os fundamentos apresentados ou as expressões utilizadas, a intuição de fundo permanece válida como questionamento à consciência cristã que queira dizer, de forma positiva e não meramente abstracta, como é que a Igreja, em Jesus Cristo, é verdadeiramente sacramento universal de salvação. Na óptica de Karl Rahner, trata-se precisamente de tirar todas as consequências da doutrina do Concílio Vaticano II: «Se a palavra ‘cristão anónimo’ é boa ou conduz a equívocos e se o conceito de ‘Cristianismo anónimo’, que de resto quer dizer

³⁴ *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 17.

³⁵ Para uma breve síntese do teor desta polémica cf. B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 177-182.

ainda outra vez uma coisa diferente, é útil, pode em última análise ser deixado à discussão dos teólogos. Mas segundo o Concílio Vaticano II é indiscutível que alguém pode viver na graça de Deus, mesmo se não ouviu o Evangelho e a doutrina expressa do Cristianismo. Ali onde uma pessoa numa atitude de confiança última se aceita a si mesma e a sua existência, onde ela ama o próximo, onde ela se abandona a si mesma numa confiança última na possibilidade de sentido da existência, e também ali onde ela de certo modo já não pode mais fazer as contas da sua vida, nessas situações uma pessoa realiza aquilo que se chama ‘fé, esperança e amor’. E através disso ela é uma pessoa justificada. Ela é uma pessoa na qual o Espírito Santo habita e actua, uma pessoa que através da morte pode encontrar Deus imediatamente como tal»³⁶.

Compreende-se, pois, que, contra a expectativa de muitos, que desde o fim dos anos setenta vinham falando da necessidade de realização dum novo concílio, Rahner nunca se mostrou favorável a essa perspectiva, antes insistiu sempre que a verdadeira questão, a decisiva tarefa estava na autêntica, completa e continuada recepção do Vaticano II. À sua preocupação pelo efectivo cumprimento dos impulsos de renovação resultantes do Vaticano II juntava-se um elemento de profundo realismo na análise da vida da Igreja. Numa visão pragmática da situação eclesial global Rahner considerava que não havia condições para que as expectativas colocadas por alguns em relação a um novo concílio pudessem ser cumpridas. Por várias vezes, em datas diferentes e sucessivas, exprimiu essa sua convicção. Em 1984, em entrevista à revista *Vida Nueva*, deu esta resposta quanto lhe colocaram, mais uma vez, a pergunta se considerava conveniente a realização de um novo concílio: «Tanto quanto se pode avaliar a mentalidade romana na Igreja, penso que um novo concílio viria demasiado cedo. Não seria, de facto, nada mais do que o Sínodo dos bispos com voz consultiva»³⁷.

É ainda em relação com os frutos do Concílio em termos de renovação da Igreja que Karl Rahner mostrou alguma desilusão, mormente na última década da sua vida. Olhando para o Concílio como um princípio, não como um fim, considerava que as expectativas criadas com o acontecimento conciliar não tinham sido completamente cumpridas. É neste preciso contexto que, referindo-se

³⁶ Cf. *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 23. Cf. ainda *Das Christentum, eine Religion für die gesamte Menschheit?* Karl Rahner im Gespräch mit Gwendoline Jarczyk, Paris 1983, in *Glaube*, 203 s.; *Zukunft der Kirche – Zukunft des Glaubens*. Karl Rahner im Gespräch mit Fridolin Marxer, Basel 1981, in *Glaube*, 221 ss. Cf. ainda B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 98-101.

³⁷ Cf. *Zeiten der Kirche – Zeit des Lebens*. Karl Rahner im Gespräch mit der Redaktion von ‘*Vida Nueva*’, Madrid 1984, in *Glaube*, 45. Cf. também *Brauchen wir ein Drittes Vatikanisches Konzil?* Karl Rahner im Gespräch mit Helmut Gunnioi, Hamburg 1976, in *Glaube*, 89-92; *Zeuge des Konzils*. Karl Rahner im Gespräch mit Thomas C. Fox, Innsbruck 1982, in *Glaube*, 93-98. Cf. ainda S. MADRIGAL, *En conversación con Karl Rahner*, 315-337, em particular 317-328.

à situação que a Igreja vive no continente europeu, usa com frequência a metáfora da «Igreja em tempo de Inverno»³⁸, expressão a que alude o livro com entrevistas suas publicado já após a sua morte. Convictamente, Rahner entendia que faltava frequentemente aos cristãos da Europa a radicalidade duma experiência cristã rejuvenescida e o sentido das novas exigências colocadas por um testemunho crível e interpelante da fé. Pensava que uma Igreja aberta ao futuro necessitava de uma estratégia pastoral mais «ofensiva», mais capaz de ir ao encontro dos problemas e das interrogações dos homens e mulheres do nosso tempo: «Ganhar para a fé uma pessoa de amanhã – tinha escrito já em 1972 – é para a Igreja mais importante do que conservar na fé duas de ontem, as quais Deus com a sua graça também salvará, mesmo quando uma maneira hodierna ou futura de anúncio da fé as torne, antes, inseguras. A estratégia salvífica de Deus e a da Igreja não são, de facto, idênticas. Pois a graça de Deus é infinita, mas as forças da Igreja são muito finitas»³⁹.

7. Teólogo reconhecido e aberto ao futuro

Com o seu empenhamento na renovação trazida pelo Concílio, com as muitas publicações e os vários impulsos de índole editorial, com a sua participação activa em grupos dedicados ao diálogo ecuménico e a questões-fronteira tanto no campo da relação entre a fé e a ciência como no âmbito do relacionamento entre fé e sociedade, Rahner emerge inequivocamente na primeira metade da década de sessenta como um dos maiores teólogos do século XX⁴⁰. Não admira, por isso, que Romano Guardini tenha desejado que ele lhe sucedesse em Munique. E, de facto, em 1964 Karl Rahner deixa Innsbruck e, correspondendo à insistência de Guardini, aceita a cátedra «Visão cristã do mundo e filosofia da religião» que este detinha no âmbito da Faculdade de Filosofia da Universidade de Munique (nomeação a 5 de Março de 1964). Um dos cursos que leccionará aqui está na base de um trabalho posterior de grande relevo, publicado apenas em 1976, mas do qual falara pela primeira vez já nos tempos do Concílio: o

³⁸ A expressão terá sido utilizada pela primeira vez em 1973, mas aparece em muitas das suas tomadas de posição posteriores. Cf., por exemplo, *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 18; *Zeiten der Kirche*, in *Glaube*, 45; *Die 'winterliche' Kirche*, in *Glaube*, 232-245. Cf. ainda S. MADRIGAL, *En conversación con Karl Rahner*, 329-331.

³⁹ K. RAHNER, *Strukturwandel der Kirche als Chance und Aufgabe*, Freiburg-Basel-Wien 1972, 54 s.

⁴⁰ Na altura do Concílio Vaticano II, numa conversa privada, Henri de Lubac tê-lo-á mesmo considerado o maior teólogo do século XX, embora vinte anos mais tarde, passadas algumas águas (também marcadas por algumas polémicas) debaixo das pontes, referisse que nesse momento já não diria exactamente o mesmo: cf. B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, Paris 2001, 26, nota 1.

projecto de um curso fundamental da fé que deveria ser dado nos primeiros anos do Seminário. *Grundkurs des Glaubens. Einführung in den Begriff des Christentums* («Curso fundamental da fé. Introdução ao conceito de Cristianismo») ficará como uma importante síntese da sua reflexão teológica. Interpelado pela Revista *Vida Nueva*, em 1984, sobre qual seria o seu contributo mais importante para a teologia, responde: «O mais importante está mais ou menos contido no meu 'Curso fundamental da fé'. Devia-se lê-lo atentamente e avançar com base nos pontos de partida que aí são oferecidos»⁴¹.

O relacionamento entre as Faculdades de Filosofia e de Teologia da Universidade de Munique não era fácil. A Faculdade de Teologia recusa mesmo a possibilidade de Rahner orientar estudantes em ordem ao doutoramento em Teologia e de acompanhar pessoas já doutoradas no seu trabalho de habilitação para a docência⁴². Rahner decide-se, então, a aceitar um convite, feito pela primeira vez já uns anos antes, da Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Münster, onde retoma uma cátedra de Dogmática propriamente dita (nomeado a 1 de Abril de 1967). As condições de trabalho em termos de assistentes e o facto de se tratar de uma Universidade do Estado, mais protegida contra eventuais censuras, davam-lhe melhores garantias de poder continuar a desenvolver de forma fecunda a sua reflexão teológica. Viajando regularmente entre Munique e Münster, é aqui que Rahner lecciona até ao fim do Semestre de Inverno de 1970/71, onde, como se referiu no início, um problema de saúde interrompe a sua actividade docente regular até à jubilação nesse ano de 1971. A partir de então vive em comunidades da Companhia de Jesus em Munique.

Nesta nova fase da sua vida, e para além da preparação do «Curso fundamental da fé», um acontecimento marcante foi a sua participação no Sínodo das Dioceses da Alemanha, que decorreu entre Janeiro de 1971 e Novembro de 1975. Escreve a propósito desta iniciativa eclesial de grande envergadura o livro *Strukturwandel der Kirche als Chance und Aufgabe* – 1972 («Transformação estrutural da Igreja como oportunidade e tarefa»), um livro que pode ser visto como uma pequena síntese de eclesiologia prática, marcada simultaneamente pela análise dos problemas presentes e pela preocupação com os caminhos do futuro. Emerge aqui um dos aspectos em que a personalidade de Rahner, na sua riqueza multifacetada, deixa transparecer uma certa tensão: se, por um lado, a sua formação e o seu sentido da tradição o obrigavam a relacionar-se com os dados da teologia recebida, e isso ao ponto ser um profundo

⁴¹ *Zeiten der Kirche*, in *Glaube*, 44. Sobre a estrutura e os conteúdos fundamentais desta obra cf. B. SESBOUÉ, *Karl Rahner*, 105-174.

⁴² Cf. *Die Antwort heisst Gott*, in *Glaube*, 15; W. DYCH, *Karl Rahner*, 14.

conhecedor dos Padres da Igreja e da escolástica, possuía, por outro lado, uma veia prospectiva aguda, que o levava espontaneamente a reflectir o presente na perspectiva do futuro, a marcar o seu esforço de pensamento com uma dimensão utópica que questionava as (aparentes) evidências da realidade actual e apontava para horizontes novos de pensamento e de acção.

Na mesma ordem de ideias, o livro que publicou em 1983 juntamente com Heinrich Fries sobre o futuro do caminhar ecuménico, intitulado *Einigung der Kirchen – reale Möglichkeit* («Unidade das Igrejas – possibilidade real») e assinalado como volume 100 da Colecção *Quaestiones Disputatae*, só poderia ser escrito e assumido por alguém que acreditava que a esperança no futuro deve ser já motora prática do presente que se vive. Numa entrevista Rahner explica a motivação de fundo desta publicação: «Eu penso que se Roma fosse tão tolerante com as grandes Igrejas não católicas do Ocidente como o é face às Igrejas orientais, então uma unidade católica seria absolutamente possível. Aliás, Roma deveria ser reservada face às suas tendências, também ainda hoje existentes, de centralização e uniformidade. Finalmente, no que respeita à ortodoxia e à unidade da fé, numa união com os protestantes Roma não deveria exigir *mais* do que é exigido a cada um dos cristãos na praxis concreta dentro da Igreja católica»⁴³.

A obra merece críticas de vários lados, também da parte do Cardeal Ratzinger. Não admira, pois contém teses que se situam muito para além daquilo que as razoabilidades e conveniências da realidade existente permitiam (permitted!) pensar. Numa entrevista de 1984 perguntam-lhe mesmo como reagirá oficialmente a Igreja a este novo livro: «Um ‘burro velho’ como eu não se condena por uma afirmação, mas deixa-se-o andar. Eu estou convencido de que, como aconteceu com a minha *Quaestio Disputata* de há anos acerca da questão do ministério ordenado (*Vorfragen zu einem ökumenischen Amtsverständnis*, Freiburg 1974), não receberei nenhuma ou quase nenhuma reacção ao presente livro. Sepulta-se a coisa com o silêncio»⁴⁴.

De resto, o teor deste último livro ilustra uma característica do pensamento teológico de Rahner que nem sempre é devidamente reconhecida. Permitia-se pensar para além do imediatamente «conveniente» porque sabia da relatividade de muitas das considerações teológicas a que nos agarramos, mormente no âmbito ecuménico. E sabia igualmente que há questões – escreveu-o várias vezes – que devemos serenamente deixar à fé do futuro, porque as condições historicamente limitadas do nosso caminhar na fé e do viver da Igreja devem

⁴³ *Zeitfragen. Karl Rahner im Gespräch mit Alain Woodrow, Paris 1983*, in *Glaube*, 100.

⁴⁴ *Zur Einheit der Kirche der Zukunft*, in *Glaube*, 209.

conscientemente contar com isso. Por isso mesmo acentuava que o cristão tem de ser capaz de saber viver com questões em aberto⁴⁵.

Em 1982, vindo de Munique, Karl Rahner regressa, feliz, a Innsbruck, onde lhe oferecem espaço para os seus Arquivos. No início de 1984 a proximidade dos seus 80 anos motiva várias entrevistas, e diversas celebrações são organizadas, também no estrangeiro. É na sequência imediata das várias festividades oficiais, teológicas e culturais que assinalam os seus 80 anos de vida que a saúde de Rahner se mostra extremamente frágil e se deteriora rapidamente. Em Innsbruck, uma sessão de homenagem realizada a 5 de Março, dia do seu aniversário, conta com a intervenção do teólogo reformado Lukas Vischer. Três dias depois Karl Rahner é hospitalizado. Nos dias seguintes ainda se preocupa com a situação de Gustavo Gutiérrez, em dificuldades com os bispos do Peru devido à sua teologia da libertação⁴⁶. A 27 de Março escreve uma carta de agradecimentos e promete, logo que possa, responder a questões novas que lhe colocam na abundante correspondência recebida por motivo do seu aniversário. Morre a 30 de Março de 1984.

Na entrevista concedida a *Vida Nueva* (1984) perguntam-lhe se sente que falta alguma coisa na sua obra teológica e no seu trabalho como padre. A resposta de Rahner sintetiza bem o seu projecto de vida: «Eu gostaria de ter possuído na minha vida mais amor e mais coragem, sobretudo para com aqueles que têm autoridade na Igreja. Mas eu queria também ter conseguido uma maior compreensão para o homem de hoje e o seu modo de pensar»⁴⁷.

⁴⁵ Die 'winterliche' Kirche, in *Glaube*, 242.

⁴⁶ W. DYCH, *Karl Rahner*, 15.

⁴⁷ *Zeiten der Kirche*, in *Glaube*, 45.

